



FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE: apontamentos de uma autonomia em construção¹

Nilce Pantoja do Carmo

Pedagoga. Especialista em Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia Preventiva (2007). Docente da Secretaria Municipal de Educação de Belém e Especialista em Educação da Secretaria Estadual de Educação do Pará. Estudante do Mestrado em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação (ICED), na Linha de Pesquisa Formação de Professores, Trabalho Docente, Teoria e Práticas Pedagógicas, Universidade Federal do Pará-UFPA, autora do texto.

Izan Rodrigues de Souza Fortunato

Licenciado em História. Especialista em Filosofia da Educação e História Contemporânea (2016). Estudante do Mestrado em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação, na Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura, Universidade Federal do Pará-UFPA, co-autor do texto.

Waldir Ferreira de Abreu

Pós-Doutor em Ciências da Educação-Espanha (2013). Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação (ICED), na Linha de Pesquisa Formação de Professores, Trabalho Docente, Teoria e Práticas Pedagógicas, da Universidade Federal do Pará-UFPA, co-autor do texto.

Universidade Federal do Pará-UFPA, jpnilce@yahoo.com.br/cauinyan@gmail.com/awaldir@ufpa.br

Resumo

O texto versa sobre as relações entre identidade, autonomia e formação docente. Por ser uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico buscou-se nas contribuições de Balman (2005) e Hall (2001) as bases analíticas de entendimento acerca dos termos identidade e autonomia, destacando suas influências na vida cotidiana das pessoas. Analisou-se por meio dos estudos de Tardif (2014), Contreras (2002) e Freire (1996) como a formação docente vem sendo desenvolvida desde os anos 2000, vislumbrando a identidade e a autonomia como aspectos intrínsecos à formação crítica e de qualidade. Conclui-se que a identidade, a formação e a autonomia docente apresentam-se como aspectos relevantes no contramovimento às demandas opressoras da sociedade capitalista, desdobrando-se histórica, social, política, cultural e ideologicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Autonomia. Formação docente.

1 INTRODUÇÃO

O texto é resultante de uma pesquisa, em curso, intitulada *Um Rio no Caminho: processos de escolarização de alunos oriundos das ilhas*, vinculada ao Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* Mestrado em Educação, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do

¹Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/ICED/UFPA).



Pará. A pesquisa na sua totalidade, busca analisar o processo de formação docente e seus desdobramentos na escolarização de alunos oriundos de regiões insulares do município de Belém. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativo-descritiva, através da pesquisa bibliográfica e de campo e tendo como técnicas de coletas de dados a observação participante e entrevistas semiestruturadas.

O Ensaio ora apresentado, é parte integrante dessa pesquisa e aborda a temática **“FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE: apontamentos de uma autonomia em construção”**, no escopo de compreender a identidade docente como categoria do estudo, discorrendo como vem sendo analisada, considerada e vivenciada no processo de formação desse profissional que possui importantes funções sociais, entre as quais: aguçar o fomento e a valorização da identidade de seus alunos. Isso nos faz refletir que o termo “identidade” deve ser parte consubstancial de seus processos de formação inicial e continuada, cuja análise justifica essa discussão.

Buscou-se nas contribuições de Balman (2005) e Hall (2001) as bases analíticas de entendimento acerca do termo identidade e suas influências na vida cotidiana das pessoas, dentro e fora de suas práticas laborais. Analisou-se, ainda - por meio dos estudos de Tardif (2014) - como a formação de professores vem se dando nas últimas duas décadas, vislumbrando a identidade como um aspecto intrínseco à formação crítica e de qualidade. Partindo-se do pressuposto de que o aguçar da identidade perpassa por um processo de desenvolvimento da autonomia docente, apoiou-se nos aportes de Contreras (2002) ao entendimento dessa autonomia, constatando-se que ela enviesa muito do que se entende por uma formação necessária na contemporaneidade.

O texto se estrutura em três seções, que giram em torno da formação docente sob a ótica de um liame identitário, discorrendo sobre Identidade nas concepções de Hall e Balman; Saberes docentes e a construção de uma identidade profissional e autonomia docente em permanente construção.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Identidade nas concepções de Hall e Balman

Tratar de formação profissional requer a abordagem de um assunto fundamental ao desenvolvimento do trabalho, de todo e qualquer, profissional: a identidade. Ao se debruçar sobre essa abordagem - sob um viés que tenha como fundamento a busca de sua valorização na formação docente - entende-se que esta encontra-se amalgamada num conjunto complexo de representações, o qual configura-se como a própria realidade vigente.

Propondo uma análise reflexiva sobre a identidade nos desdobramentos histórico, social e cultural Hall (2001) aponta que a mesma sofreu profundas mudanças quanto a sua concepção



iluminista e sociológica. Na concepção iluminista, a identidade apresenta-se tendo como base de compreensão um indivíduo centrado, unificado e dotado de razão e consciência, cujo “eu” se revela como sua identidade. A concepção sociológica pressupõe que o sujeito tem um núcleo interior, o qual não é autônomo e autossuficiente, mas que se forma na relação com o outro (pessoas que mediam valores, sentidos e símbolos) imerso na cultura em que vive. Essa concepção deixa evidente que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, o qual muda por meio de um diálogo constante com o mundo.

A partir da globalização, a identidade passa a ser percebida como instável, tendo a possibilidade de outras articulações, uma vez que pode criar novas identidades, como também produzir novos sujeitos. A base dessa concepção, está em que o mundo vive de intensas rupturas, fragmentações, deslocamentos e alterações. Assim, apresenta-se nesse quadro uma multifacetada mudança, a qual implica numa cosmovisão de mundo em transformação.

Tal perspectiva deixa claro que todos os segmentos (social, cultural, político e ideológico) sofrem influências dessas mudanças ocasionadas pelo impacto da globalização, principalmente no que tange às consequências dos elementos espaço-tempo. Assim, a identidade doravante passa a ter um caráter não mais fixo e estável. Hall (2002, p. 68) elucida essa questão ao citar que “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”.

Balman (2005), centrando-se nas consequências da globalização à vida das pessoas, cunhou o termo “Modernidade líquida” para se referir às características intrínsecas a esse processo. Um líquido sofre constantes mudanças e não conserva a sua forma por muito tempo. Assim, a analogia com o líquido se dá para evidenciar o imediatismo, a fluidez, a efemeridade das relações. Segundo o autor, a mudança é a única coisa permanente e a incerteza é a única certeza. Ele entende essa crise como sendo um tempo em que o velho já se foi, mas o novo não tem forma ainda. Dentro dessa perspectiva, os sujeitos tornam-se praticamente incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça um estado temporário e frágil das relações e dos laços humanos.

Evidencia-se, dessa forma, que tanto Hall quanto Balman ressaltam que a globalização mostra-se, historicamente, como um processo inibidor do aguçar das identidades, afetando a vida das pessoas em todas as esferas de atuação.

Consequentemente, tais transformações influenciam de maneira direta e significativa o desenvolvimento dos processos de formação das identidades profissionais. Nessa conjuntura, a figura docente assume diferentes contornos e intencionalidades que demarcam seu modo de ser e estar no mundo. Por isso, a construção de uma identidade consistente e coerente, com as demandas sociais, deve ser priorizada no âmbito das políticas públicas educacionais.

2.2 Saberes docentes e a construção de uma identidade profissional

Variados e diversificados são os aspectos que influenciam e interferem na atuação docente, sendo que ao analisar a formação dos professores, nos últimos vinte anos, percebe-se o destaque às relações estabelecidas entre os conhecimentos produzidos pelos pesquisadores universitários das ciências da educação e os saberes mobilizados pelos professores no desenvolvimento de suas práticas.



Assim, esses saberes, provenientes da experiência docente (saber-fazer), ganham espaço nos estudos voltados à educação, que buscam compreender de que forma ocorre a profissionalização daqueles, cujas práticas estão no bojo das reformas educativas vigentes. Referindo-se aos saberes docentes, que servem de base ao trabalho no ambiente escolar, Tardif expõe que:

Historicamente, essa questão está ligada à profissionalização do ensino e aos esforços feitos pelos pesquisadores em definir a natureza dos conhecimentos profissionais que servem de base ao magistério. Todavia, com o passar do tempo, ela foi-se alargando e se ramificando e deu origem à produções teóricas autônomas relativas, por exemplo, ao trabalho dos professores e à sua formação, ao pensamento dos professores e à sua história de vida, às relações entre a cultura escolar e a cultura dos professores, ao lugar dos saberes dos professores entre os saberes sociais, etc. (TARDIF, 2014, p. 227-228).

Evidencia-se, assim, que Tardif valoriza a relação dos conhecimentos oriundos das universidades com os saberes extraídos e produzidos na prática docente. Seus estudos defendem a interação entre saber profissional e os saberes das ciências em educação. Inclinando-se à identidade, o autor enfatiza que o saber dos professores é um saber específico, que está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com suas experiências e histórias, com as relações que travam com seus pares. Esse aspecto fica bastante evidente quando o autor cita:

[..] o saber dos professores é o saber *deles* e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente (TARDIF, 2014, p. 11).

Mediante o exposto, o processo de valorização dos saberes docentes coaduna com a construção de uma identidade profissional alicerçada nas experiências cotidianas, as quais expressam um saber-fazer que não ser pode desprezado. No entanto, o cenário que se observa caracteriza-se pela ênfase ao modelo da racionalidade técnica, que objetiva homogeneizar e regular as práticas educativas e seus sujeitos tendo a produtividade como sua mola propulsora, o que acaba por revelar as intencionalidades do capitalismo neoliberal.

Contreras (2002) enfatiza a racionalidade técnica como um dos aspectos minimizadores da autonomia docente, uma vez que reduz os saberes profissionais à competência instrumental, visando a produtividade. Esse modelo de profissionalidade configura-se como uma atividade voltada ao alcance de resultados ou produtos predeterminados, no qual o professor torna-se um mero executor. O autor destaca que:

A ideia básica do modelo de racionalidade técnica é que a prática profissional consiste na solução instrumental de problemas mediante a aplicação de um conhecimento teórico e técnico, previamente disponível, que procede da pesquisa científica. É instrumental porque supõe a aplicação de técnicas e procedimentos que se justificam por sua capacidade para conseguir os efeitos ou resultados desejados (CONTRERAS, 2002, p.90-91).

Denota-se, nesse quadro de análise, que o docente não deve se limitar à função de mero executor dos processos educativos, uma vez que tem o dever de elaborar, definir e reinterpretar-los a partir do que pensa, acredita e valora. Daí a importância de uma formação crítica, autônoma que se



contraponha, com resistência, ao estabelecido traduzindo-se em uma prática pedagógica sem reduzir-se a mesma.

Portanto, partindo dessa ponderação a autonomia é um exercício de intervenção fundamental para um posicionamento crítico na formação docente, considerando a importância da vivência dialógica com a realidade.

2.3 Autonomia docente em permanente construção

Sabe-se que as políticas públicas, geralmente reducionistas, não contemplam (com a necessária seriedade) muitas das questões que compõem a educação, visto que suas lógicas - inclinadas ao ideológico capitalista - inibem o fomento do exercício do pensar e agir, ações fundamentais ao desenvolvimento da autonomia docente, entendida como essencial à compreensão de sua identidade profissional.

A partir de uma chave hermenêutica crítica, corrobora-se com Contreras (2002) quando afirma que a autonomia se materializa no processo de percepção dos limites e das possibilidades da atuação docente na estrutura social. Tal atuação está inter-relacionada às práticas de planejar, compreender e agir sobre a produção do conhecimento sem, contudo, isolar-se das pessoas com que se relaciona, pois é na relação com o outro e no diálogo aberto e fecundo que se constrói a própria identidade profissional. Nessa direção o autor enfatiza que:

[...] tanto a autonomia profissional como pessoal não se desenvolvem nem se realizam, nem são definidas pela capacidade de isolamento, pela capacidade de 'se arranjar sozinho', nem pela capacidade de evitar as influências ou as relações. A autonomia se desenvolve em um contexto de relações, não isoladamente. Tem a ver, portanto, com uma forma de manter relações (CONTRERAS, 2002, p.199).

Considera-se, assim, que a autonomia, deve ser o ponto de intersecção entre o modo de agir docente e sua vivência social, a qual se constrói e realiza, respaldada pela convivência e pela experiência. Como afirma Freire (1996, p.105) "A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser".

As implicações da formação docente concernente à autonomia deixam evidente que a perspectiva para implementar uma formação, que não esteja em conformidade com o *status quo* é delicada e conflituosa. Tal pressuposto é intrínseco às relações tensionais que se dão entre os agentes da educação, bem como desta com o poder hegemônico. Assim, ressalta-se a importância de se pensar a formação docente como construção permanente de enfrentamento das instâncias da ordem social dominante.

3 CONCLUSÃO

No confronto com a realidade opressora que se dá no mundo circundante, o docente deve ter (em sua vivência pedagógica) a clareza para fazer o contramovimento pela autocrítica e crítica sobre sua formação. A identidade e a autonomia apresentam-se relevantes nesse contramovimento, sendo que se realizam no desdobramento histórico, social, político, cultural e ideológico e não ocorrem de modo imediato. Essa construção é um processo lento, imbricado em tensões entre forças



de relações, que não se realiza de forma neutra, pois o ser humano, cotidianamente, está em constante interação com o mundo e com o outro.

Pode-se dizer que o fomento à autonomia e à identidade remete ao exercício da liberdade: no modo de agir, pensar e articular o projeto existencial na vida do sujeito social, capaz de exercer sua razão de modo crítico nos âmbitos público e privado. Considera-se que ambas (autonomia e identidade), devem ser pontos de intersecção entre o modo de agir docente e sua vivência social. A esse respeito Freire (1996, p. 61) evidencia “[...] saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.”

REFERÊNCIAS

BALMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. RJ: Jorge Zahar, 2005.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. SP: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6 ed. RJ: DP&A, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. RJ: Vozes, 2014.